

## Mulheres inscritas em cadernos de receitas<sup>1</sup>

Juzelia de Moraes Silveira  
UFG

**Resumo:** Utilizo-me para esta pesquisa de cadernos de receitas como possíveis lugares de escrita de si que, podem não apenas soar vozes ignoradas pela história, bem como podem fazer emergir questões sobre a concepção e construção do feminino em contextos socioculturais específicos. Para tanto, busco em Luce Giard (1994; 1996) pensar questões sobre a relevância da escrita e do cozinhar nestes processos de construção identitária, como também valho-me das reflexões de Michelle Perrot (1989) para construir argumentações acerca de possíveis arquivos da história do feminino.

**Palavras-chave:** cadernos de receita, feminino, escritas de si.

### Cozinhas que preparam sujeitos

Na cozinha despontam as relações de gênero, de geração, a distribuição das atividades que traduzem uma relação de mundo, um espaço rico em relações sociais, fazendo com que a mesa se constitua, efetivamente, num ritual de comensalidade. A cozinha se reafirma, portanto, como um espelho da sociedade, um microcosmo da sociedade, uma imagem da sociedade, valores esses demonstrados pelos cadernos de receitas. (SANTOS, p.2, 2008)

Como bem cita Santos, por meio da cozinha, dos registros culinários em cadernos de receitas, podemos traçar um panorama histórico-social a partir das cotidianidades que dela emergem. Pode-se também conhecer mais amplamente determinada cultura e os atores que dela participam e participaram. As atividades desempenhadas por cada sujeito no que tange à culinária evoca o olhar sobre modos de ser e agir mediante um contexto específico, construído sob preceitos e normas em que amiúde as relações entre os gêneros são evidenciadas.

A alimentação e o fazer culinário, engendram questões que vão muito além ao mero preparo de um alimento. As ritualizações presentes nestes (convite para a ceia, preparativos para a realização do prato, modos de servir, gestualidade do alimentar-se...) denotam particularidades de grupos específicos e sugerem olhares acerca dos indivíduos dentro destes grupos e seus processos de aquisição e reprodução de saberes e condutas. Ou seja, a partir da cotidianidade em que

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir da pesquisa de doutorado em Arte e Cultura Visual – PPGACV/FAV/UFG, iniciada em março de 2011, sob orientação da professora doutora Leda Guimarães.

habitam os fazeres culinários, vislumbra-se pela repetição de gestos, perpetuação e ressignificação de costumes, sistemas de tradição bem como seus desdobramentos (GIARD, 2003)

Destes elementos, rituais e condutas, pode-se verificar em cadernos de receitas culinárias o espaço que registra tais assuntos e ainda, a abertura ao diálogo entre a culinária e suas relações com demais questões da vida social. Neste sentido é relevante mencionar que dentre os variados modos de produção de cadernos de receita, um dos que mais me desperta a atenção, sendo objeto de meu estudo, é a estruturação do caderno como um local onde as receitas dividem seu espaço com elementos e informações que não necessariamente se referem à comida. Assumem de certo modo a função de um diário aberto a relatos pessoais que se configuram para além da narrativa escrita. E, sobretudo, relatos pessoais que possivelmente não se percebem como tal, mas que por meio das escolhas dos temas que adentram o caderno, acabam sugerindo traços da identidade de um indivíduo.

Para o desenvolvimento de tais reflexões, parti inicialmente da observação do caderno de receitas de minha mãe, sobretudo por sempre ter me encantado a forma como criava um local repleto de informações das mais distintas ordens. Neste, recortes de revistas e jornal, poesias, artigos sobre beleza e dicas para o cuidado do lar, habitam o mesmo lugar que as receitas que frequentemente adquiria, mas que dificilmente concretizavam-se (seja pela falta de público aberto a experimentá-las, seja pelo valor a ser despendido para a realização dos pratos). Impulsionada por este objeto, senti desde cedo desejo de produzir meu caderno de receitas, construído de mesmo modo que o dela. Nisto, fui observando variações de construção de um mesmo gênero em momentos temporais distintos e evidenciados por meio de registros contidos em um caderno de receitas, enquanto fazer cotidiano.



Fig. 1 – Imagem de páginas do caderno de receitas de minha mãe.



Fig. 2 – Fragmentos de páginas de meu caderno de receitas.

Percebo assim, variações de construções e de referências de gênero que se desdobram com o passar dos anos e mediante os afetos de tempos distintos, estes passíveis de análise por meio de uma produção caracterizada justamente pela perpetuação de tradições. Assim, mantêm-se os objetos, contudo, reconfiguram-se suas formas e elementos de construção.

Nisto, os discursos que permeiam os cadernos não se configuram aprisionados em seu tempo de origem, são passíveis de desdobramentos de significados outros ao estabelecerem conversas com as transformações dos tempos. Entretanto, estes objetos carregam referências sobre concepções, posturas em torno da questão do feminino construídas ao longo dos anos e que de alguma forma atuam no modo como concebemos comportamentos a serem adotados por mulheres. A respeito disso, Louro menciona

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade". (LOURO, 2007, p.14)

Assim, ao se construir um olhar investigativo sobre como os cadernos de receitas culinárias pode-se remontar discursos de épocas anteriores e também evocar questões que perpetuam-se e reverberam em outras tantas. Questões que evocam construções discursivas sobre características definidoras de gênero.

Ao iniciar meu caderno de receitas, fui agregando às suas páginas referências de vivências cotidianas que contam acessos a âmbitos que outrora não eram possíveis ao gênero feminino. Assim, ao encontrar em meu caderno de receitas registros de eventos em que participei, apresentando trabalhos científicos, remeto-me tanto à acessibilidade à escrita, que por longo tempo não fez parte das aprendizagens de mulheres, como também à possibilidade de adentrar o espaço acadêmico, o qual apenas ocorreu efetivamente no início do séc. XX.

Quando penso o caderno de minha mãe, observo em artigos extraídos de jornais e revistas seu interesse pela leitura, entretanto, limitada a esses meios. A grande maioria dos temas de que tratam estes escritos são sobre alimentos que fazem bem para a saúde, dicas de beleza, poemas e sugestões para o cuidado do lar (como tirar manchas de roupas, investir na decoração...). Outro aspecto importante a ser observado em seu caderno é sobre a grande maioria das receitas que faziam parte de seu caderno não eram realizadas, bem como as imagens de locais e eventos que recortava não eram por ela frequentados. Havia ali um choque entre o ensinamento que lhe foi dado sobre o modo de ser mulher, em contrapartida com tudo o que o mundo foi oferecendo ao longo dos anos e com as mudanças no que tangem aos acessos femininos.

Seu local ainda era o privado, como lhe foi ensinado. Logo, é possível pensar que

(...) os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. (PERROT, 1989, p.15.)

Pelas palavras da autora, penso a utilização de um caderno de receitas, este local especialmente destinado ao uso de esposas e mães, como um modo de poder-se dizer (contando não somente a vida que transcorria, mas também a que se deseja e sonha) por meio da produção de um objeto que sugere o feminino dentro de uma perspectiva patriarcal, mas que é subvertido, mesmo que mediante uma construção silenciosa e nos limites de suas páginas.

Observando o caderno de minha mãe, vou verificando referências desse recolhimento ao domínio do lar e da realização de suas atividades em razão de sua vida familiar. Ao contrário dela e possivelmente em uma atitude relativamente inconsciente de seguir um caminho oposto ao seu (que eu considerava marcado pela submissão) fui inserindo em meu caderno folhetos de restaurantes e eventos que frequentei, de coisas que realizei. Esses elementos não dizem respeito apenas a um feminino que tem acesso ao âmbito público e realizações que ultrapassam as atividades do lar, mas também a um desejo de registrar o sonhado e vivenciado.

Ao comparar os dois cadernos percebo distinções nos modos de dizer-se mulher marcados por distintas referências e concepções acerca desse gênero. A observação dos elementos, os critérios e motivações de escolha destes, o diálogo entre as receitas e outros conteúdos que percorrem o contexto da produtora do caderno, todos estes são possíveis meios de pensar a construção do feminino em espaço e tempos específicos. Esse objeto que guarda receitas que podem desdobrar-se em experiências (ou o movimento contrário, visto que às vezes cozinhamos e depois registramos), também pode ser local de abrigo de desejos que não parecem possíveis diante do contexto do qual faz parte seu autor.

Quando Perrot (1989) faz menção ao silêncio dos arquivos no que diz respeito à história feminina, comenta que a atenção dada às mulheres de tempos passados em geral constitui-se de generalizações “se detém pouco sobre as

mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva abstrata à qual se atribuem as características habituais” (p. 11). Isto é reflexo da escassa (senão inexistente) participação das mulheres em questões da esfera pública, bem como do desinteresse em relação às atividades exercidas por mulheres ao longo dos anos, estas não reconhecidas como pertinentes na construção da sociedade em que vivemos. A respeito disso Luce Giard infere:

Neste nível de invisibilidade social, neste grau de não reconhecimento cultural, coube há muito tempo e ainda cabe, como de direito, um lugar às mulheres, uma vez que, em geral, não se dá qualquer atenção às suas ocupações cotidianas. (...) Trabalhos que visivelmente nunca acabam, jamais suscetíveis de receber um arremate final: a manutenção dos bens do lar e a conservação da vida da família parecem extrapolar o campo de uma produtividade digna de ser levada em conta. (GIARD, 1996, p. 217)

Tecendo diálogo entre as duas autoras, reflito sobre como estas atividades imprescindíveis, porém silenciosas, outrora responsáveis por demarcar os limites de compreensão e atenção ao feminino, agora podem ser elas mesmas observadas como sugestões das inúmeras mulheres e personalidades distintas que podem habitar e constituir esse gênero. São justamente as ações que perpetuaram (e ainda hoje perpetuam significativamente) a concepção de mulheres como imagens de “rainhas do lar” que podem ajudar na reobservação histórica diante de uma perspectiva que compreende ambos os gêneros em sua construção. São objetos íntimos produzidos por elas que podem suscitar o olhar sobre as receitas de como construir-se mulher em cada contexto específico.

### **Os cadernos de receitas e seus discursos**

A investigação de um objeto tradicionalmente construído por mulheres traz a observação sobre vozes que no passado estiveram fora dos interesses acadêmicos e ainda a compreensão sobre a relevância de tecer outros olhares sobre temas que foram construídos ao longo da história apenas sob perspectiva masculina. Neste sentido, o que podem suscitar os cadernos de receita é a atenção sobre como foram determinados os espaços destinados às mulheres, bem como ainda o são.

Os processos de acesso a inúmeros âmbitos e fazeres que durante muito tempo foram exclusivos de homens – incluindo a questão da aprendizagem da leitura e escrita – contam histórias de realizações, bem como do árduo caminho traçado para que estas se fizessem possíveis. É possível verificar também que

mesmo algumas questões observadas como conquistas ainda desenvolvem-se por meio de condições desiguais, em que se passa a ter acesso a um espaço tradicionalmente masculino, mas ainda tendo a responsabilidade em relação a um outro, feminino. Deste modo, a tão proferida igualdade entre os sexos, a qual se acredita estarmos atingindo efetivamente, deveria na verdade ser observada não apenas nos termos dos espaços conquistados, mas também dos ainda impostos às mulheres e considerados como femininos.

Na produção e perpetuação de certos objetos, de fazeres cotidianos, há possibilidade de reiteração de normas e padrões, bem como a possibilidade de subverter seu uso tradicional. Assim, a produção de um local que se origina do intuito de trocar e compartilhar receitas culinárias, mas que também abre-se à incorporação de elementos e falas que evidenciam a mulher que os produz, a meu ver constitui-se como um profícuo material de investigação acerca do feminino e dos processo de construção deste no âmbito social.

## Referências

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar,cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PERROT, Michelle. “Práticas da memória feminina”, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, n.18, ago-set. 1989, p.9 – 18.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. *Os pecados e prazeres da gula – os cadernos de receitas como fontes históricas*. Disponível em <<http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/Carlos%20Antunes.pdf>>. Acesso em 08 de dezembro e 2011.